
10. CIÊNCIA, TÉCNICA E RISCO: OS AGROTÓXICOS NO PERÍMETRO IRRIGADO JACARECICA I E OS IMPACTOS NA SAÚDE DO TRABALHADOR.

Thaís Moura dos Santos¹
Rosana de O. Santos Batista²

Introdução

Na ciência geográfica o espaço surge como produto da técnica humana aplicada à natureza, que está em uma constante modificação para atender as necessidades humanas (MOREIRA, 2011). O espaço é produzido e reproduzido pelo homem desde seus primórdios. No entanto, não deve apenas ser visto como produto passível de troca, mas como o lócus onde ocorrem as relações entre seres humanos (CARLOS, 2011).

As modificações, produções e reproduções que ocorrem no espaço geográfico é produto da tentativa de satisfazer as necessidades humanas. Tanto na atualidade como em épocas pretéritas uma das principais necessidades humanas é alimentar uma população que está em constante processo de crescimento. E a forma encontrada para alavancar a produção de alimentos foi à utilização de substâncias químicas, mais conhecidas como agrotóxicos, no entanto, o uso desses químicos não levou em consideração os impactos negativos, provocado por essas substâncias.

A intensificação do uso dos agrotóxicos na agricultura tem sua gênese no século XX, pós Primeira Guerra Mundial. No entanto, somente após a Segunda Guerra Mundial é que os agrotóxicos passaram a ser disseminados no mundo e a desempenhar um papel importante junto ao setor agrícola, ganhando força no advento da chamada Revolução Verde.

No Brasil o uso dos agrotóxicos passou a ser efetivo em meados da década de 1940. Nas lavouras brasileiras, o consumo de agrotóxicos aumentou significativamente nas últimas décadas, transformando o país em um dos líderes mundiais na sua utilização. Proporcionalmente, à medida que o uso de agrotóxicos cresce os problemas de saúde

¹Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe. thaissou14@hotmail.com

² Professora Dr.^a. do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe. rostosgeo@hotmail.com

relacionados ao manuseio, ingestões orais e respiratórias desses produtos aumentam. (CARSON, 2010; BOMBARDI, 2011).

Essa problemática também se faz presente no estado de Sergipe onde a utilização de agrotóxicos também é notável e preocupante, tanto para a sociedade quanto para natureza. No contexto sergipano, o município de Itabaiana é apontado como um dos municípios onde o uso dos agrotóxicos acontece com maior incidência. Nesse contexto, o presente artigo objetivou analisar a dinâmica do uso de agrotóxicos no Perímetro Irrigado Jacarecica I, localizado no município de Itabaiana/SE, bem como entender como essas práticas rebatem na saúde do trabalhador rural no referido perímetro. Assim, os procedimentos metodológicos adotados para direcionar as análises foram leituras de textos, livros, revistas, periódicos, documentos, fontes orais e trabalho de campo, com a finalidade de coletar informações para melhor refletir essa temática.

1. Ciência e técnica: uma breve história dos agrotóxicos

A indústria dos agrotóxicos tem sua gênese pós Primeira Guerra Mundial, no momento em que as grandes corporações químicas internacionais criaram subsidiárias produtoras de agrotóxicos, que visaram aproveitar as moléculas químicas desenvolvidas para fins bélicos. No entanto, somente após a Segunda Guerra Mundial é que tais produtos passaram a desempenhar papel importante na agricultura, com o advento da Revolução Verde, um movimento que visava um aumento da produção mundial de alimentos a partir de um conjunto de práticas e insumos agrícolas, que assegurariam níveis crescentes de produtividade baseado no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos na agricultura (SANTOS, SOUZA, 2012).

De acordo com a lei nº 7.802, de 11 de julho de 1989, agrotóxicos são:

[...] os produtos e os agentes de processos físicos, químicos ou biológicos, destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens, na proteção de florestas, nativas ou implantadas, e de outros ecossistemas e também de ambientes urbanos, hídricos e industriais, cuja finalidade seja alterar a composição da flora ou da fauna, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos considerados nocivos. (Art. 2; § 1).

Ainda segundo a *Food and Agriculture Organization* (FAO), Programa da Organização das Nações Unidas (ONU) que é responsável pelas áreas de agricultura e alimentação, os agrotóxicos são definidos como:

Qualquer substância, ou mistura de substâncias, usadas para prevenir, destruir ou controlar qualquer praga – incluindo vetores de doenças humanas e animais, espécies indesejadas de plantas ou animais, causadoras de danos durante (ou interferindo na) a produção, processamento, estocagem, transporte ou distribuição de alimentos, produtos agrícolas, madeira e derivados, ou que – ou que deva ser administrada para o controle de insetos, aracnídeos e outras pestes que acometem os corpos de animais de criação (FAO, 2003).

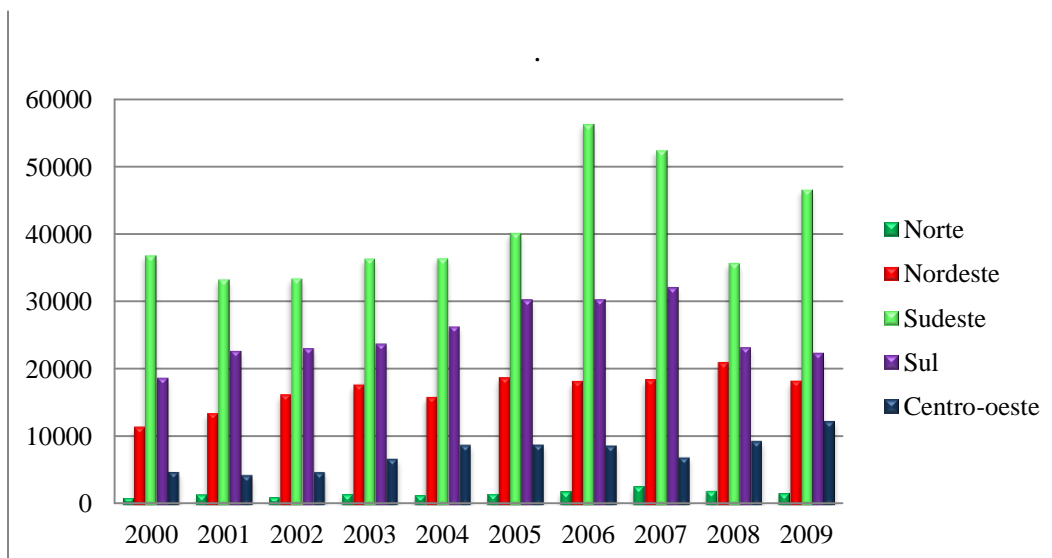
Dessa forma, os agrotóxicos atendem a finalidade de “matança de insetos, de ervas daninhas, roedores e de outros organismos que, no linguajar moderno, se descrevem como sendo “pestes” ou “pragas”; e eles são vendidos sob vários milhares de denominações diferentes de marcas” (CARSON, 1962, p. 17). “Com estes venenos busca-se varrer da natureza todos os seres vivos que ousam desafiar os modernos e artificiais sistemas de produção” (LONDRES, 2011, p. 21).

A popularização dos agrotóxicos se deu a partir da revolução no que diz respeito ao controle de pragas na agricultura. O DDT (diclorodifeniltricloroetano) ficou rotulado como de baixo custo e alta eficiência. Dessa forma, o DDT passou a ser amplamente utilizado antes que seus efeitos nocivos tivessem sido totalmente pesquisados. O sucesso desse produto no combate às pragas fez com que novos compostos organossintéticos fossem produzidos, fortalecendo a grande indústria de agroquímicos presentes na atualidade (SOARES, 2010).

O Brasil seguiu a tendência de ordem mundial, pautado no uso dos agrotóxicos que começaram a se difundir no país em meados da década de 1940. Uma das primeiras substâncias utilizadas nas lavouras brasileiras foi o DDT, considerado um dos primeiros pesticidas modernos. O Estado foi o principal incentivador do pacote tecnológico que representava a modernidade na agricultura, passando o mercado brasileiro a figurar entre os mais importantes para a indústria dos agrotóxicos (SOARES, 2010).

O uso dos agrotóxicos e fertilizantes foi incentivado por meio de uma política agrícola que subsidiou o crédito para compra e incentivou a implantação de indústrias no país, muito serviu para mascarar os efeitos da degradação da natureza-homem em função do uso desses insumos com grau de toxicidade elevado na agricultura moderna. A política de subsídios contribuiu para o uso indiscriminado dos agrotóxicos, pois estes passaram a ser utilizados não só pelos grandes latifundiários como também produtores familiares (SOARES, 2010).

Gráfico 1 – Casos Registrados de Intoxicação Química Humana por Região. Brasil, 2000 a 2009.



Fonte: MS/FIOCRUZ/SINITOX

Elaboração: Thaís Moura dos Santos, 2016.

Segundo dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) visualizados no gráfico – 01, entre os anos 2000 e 2009 foram registrados os maiores números de casos de intoxicações nas regiões Sudeste e Sul essas regiões são responsáveis pela produção de grandes monoculturas de exportação, como a soja, o milho e o algodão, nestes cultivos o uso de agrotóxico é intensivo. Logo após, aparece a região Nordeste seguida pelo Centro-oeste e Norte.

Segundo o dossiê da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) o Brasil em 2008, ultrapassou os EUA e assumiu o posto de liderança no consumo mundial de agrotóxicos, o que representou uma fatia de quase 20% do consumo mundial de agrotóxicos. A deflagração dos agrotóxicos nas lavouras brasileiras é um reflexo de “benefícios” que esses produtos químicos possuem no Brasil, tais como a isenção de impostos para as indústrias produtoras de agrotóxicos e a permissão do uso de agrotóxicos já proibidos em outros países.

No estado de Sergipe a utilização dos agrotóxicos também é notável e preocupante, tanto para a sociedade quanto para natureza. A agricultura sergipana, desde a segunda metade do século XX até os dias atuais, vem passando por mudanças significativas, na forma de produzir, nas técnicas aplicadas e nas relações de produção decorrentes, principalmente, das políticas agrícolas implantadas pelas ações do Estado. Personificado no crédito rural subsidiado e, através de investimento na agricultura com a implantação de projetos de

irrigação e a construção de açudes, para alavancar a produção estadual de alimentos, um exemplo disso é o município de Itabaiana, com três perímetros irrigados.

Segundo o Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em alimentos (PARA), em seu relatório de atividades de 2010 no estado de Sergipe, os produtos com maior teor de contaminação por agrotóxicos segundo o PARA, são: beterraba, cenoura, couve, pimentão e tomate. Sergipe apresenta elevado percentual na utilização de agrotóxicos sendo a região de Itabaiana apontada como local de maior concentração de consumo. O município, desde o início da sua ocupação territorial, já se destacava como uma importante área de exploração agrícola, tendo por base as pequenas propriedades, e que ainda na atualidade caracteriza a estrutura fundiária desse município (SILVA, 2009).

Nos últimos trinta anos o município de Itabaiana foi sede da consolidação de algumas políticas territoriais, culminando na construção de três barragens de porte médio: Macela, Ribeira e Jacarecica I, para irrigação e produção de hortaliças. Nesse sentido, vem ganhando destaque a preocupação com a contaminação da água dessas barragens, com a poluição do ambiente e principalmente com os agravos para saúde humana em função da intensificação no uso de agrotóxicos. Itabaiana/SE se caracteriza por ser o maior centro de comercialização agrícola do estado, atendendo outros municípios sergipanos e estado vizinhos, esse município conta na atualidade com três perímetros irrigados.

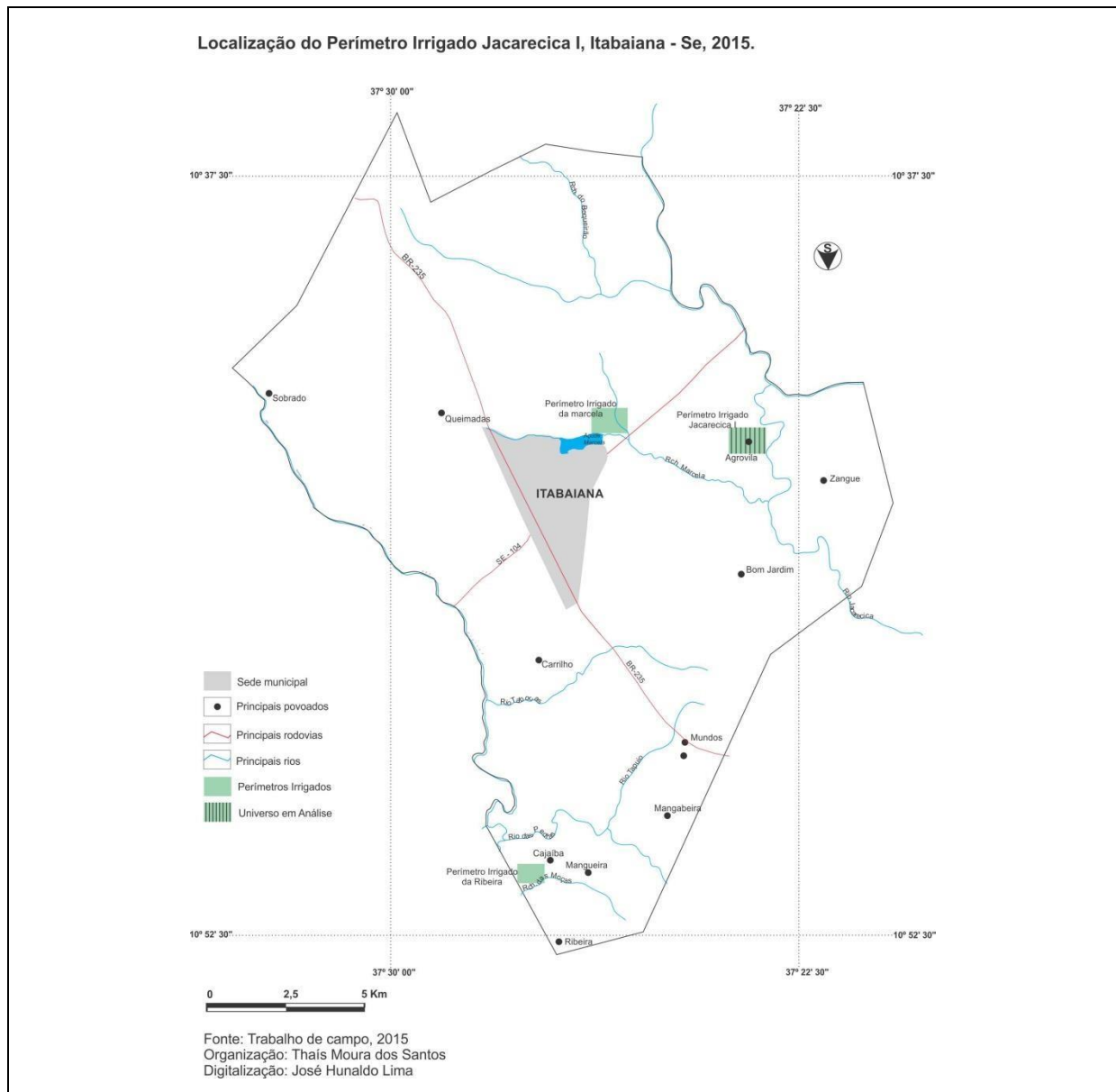
Além do problema do uso de agrotóxicos, os produtores não tomam medidas preventivas à contaminação durante o manuseio e aplicação do veneno e não fazem uso de equipamento de proteção individual. O uso indiscriminado dos agrotóxicos garante a produção rural no município de Itabaiana/SE, porém, essas práticas causam danos irreparáveis para a saúde humana e para a natureza.

2. Agrotóxicos: dinâmica do uso e rebatimentos na saúde do trabalhador no Perímetro Irrigado Jacarecica I.

O Perímetro Irrigado Jacarecica I é constituído institucionalmente por 130 lotes de 2,0 hectares cada um, totalizando aproximadamente 282 hectares, correspondente à área adquirida pela COHIDRO, em 1985. O número de assentados são 124 famílias, portanto, 124 unidades produtivas, correspondendo a uma área de 248 hectares. Segundo dados disponibilizados pela Companhia de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Irrigação de Sergipe (COHIDRO), os estudos iniciais para a implantação do Perímetro Irrigado Jacarecica

I foram realizados em 1983, o estudo de viabilidade social e econômica em 1984, tendo o projeto executivo de irrigação sido concluído em março de 1987, quando entrou em operação.

Figura 01 – Mapa 1.



Os riscos provenientes da dinâmica do uso dos agrotóxicos se manifestam no Perímetro Irrigado Jacarecica I desde o processo de aquisição dos venenos agrícolas. A atividade de aquisição apresenta-se como um dos pilares do chamado “uso seguro” de agrotóxicos, no entanto, os agricultores do perímetro irrigado, demonstram o total desconhecimento dessa prática. Quando indagados se as casas de comércio onde os

agrotóxicos são adquiridos exigem receita agrônômica, os agricultores negavam a existência dessa exigência.

Não. É que aqui a gente já vai e compra lá [...] Leva a folha da plantação, da doença que está lá e eles (dono da loja) indicam: olhe tal veneno, aí eles passa e a gente passa(Trabalhador – 01).

É possível perceber que o trabalhador 01 que a receita agrônômica não é exigida e o que é mais grave, as casas que vendem agrotóxicos possuem funcionários que receitam os venenos agrícolas. O preocupante dessa situação, é que os agrotóxicos são receitados por profissionais que não conhecem ou nunca fizeram uma visita técnica à lavoura, ou seja, sem conhecimento das pragas existentes na lavoura em questão, uma prática irresponsável, porém, constante no Jacarecica I.

Em relação ao transporte dos agrotóxicos, mais irregularidades e riscos a saúde do trabalhador foram detectados. Segundo Associação Nacional De Defesa Vegetal – ANDEF (2005), quando um agricultor compra um produto fitossanitário e vai transportá-lo para a sua propriedade, mesmo abaixo do limite de isenção se fazem necessárias medidas de segurança para o transporte dessas substâncias químicas. Essas regras são totalmente desconhecidas no Perímetro Irrigado Jacarecica I, pois o transporte desses produtos químicos é feito de forma totalmente incorreta, visto que os agricultores fazem esse transporte em carros de passeio ou moto.

“Aí no caso porque o agrotóxico que a gente compra é um litro, pendura no braço aqui e vem embora na moto. É um litro só, né. A gente usa só um litro” (Agricultor – 02).

“A gente compra é pouco, né. A gente traz numa sacolinha mesmo. É só um vazinho só, a lavoura é pouca, né” (agricultor – 04).

Os perigos que os agricultores 02 e 04 estão expostos ficam visíveis nessas falas, o agricultor conta que transporta os venenos agrícolas numa “sacolinha”, essa palavra no diminutivo revela a fragilidade desse recipiente utilizado pra transportar o agrotóxico até a lavoura. Assim, essa prática pode ocasionar acidentes como vazamentos do agrotóxico, e esse em contato com a pele do agricultor pode provocar intoxicações graves, já em contato com o solo ou com fontes d’água podem originar contaminações.

O processo de armazenamento dos agrotóxicos no Jacarecica I, também está repleto de falhas. Os agricultores afirmam que compram apenas pequenas quantidades de agrotóxicos, no entanto, mesmo para estocagem de pequenas quantidades dos agrotóxicos e afins,

principalmente nas propriedades rurais, alguns critérios importantes contidos na Norma Técnica NBR nº 9843/04 (ABNT) precisam ser observados para garantir um armazenamento seguro, como a construção onde o agrotóxico é armazenado deve ser de alvenaria, com boa ventilação e iluminação natural, as instalações elétricas devem estar em bom estado de conservação para evitar curto-circuito e incêndios, com portas que devem permanecer trancadas para evitar a entrada de crianças, animais e pessoas não autorizadas.

O depósito deve estar sinalizado com uma placa “cuidado veneno”; o depósito deve ficar num local livre de inundações e separado de outras construções, como residências e instalações para animais com piso cimentado e o telhado sem goteiras, para permitir que o depósito fique sempre seco.

Dentro do barraco mesmo. Aqui não mora não aqui. Tá morando na cidade. Aqui é só um rancho mesmo (Trabalhador – 02).

A gente deixa no meio da maiada debaixo de uma sombra, por que se deixar aqui ninguém mora aqui, se deixar quando às vezes leva pra casa quem mora por aqui leva pra casa quem não mora procura uma sombra e guarda (Trabalhador – 06).

Há eu compro na cidade e trago pra cá deixo aqui escondido no mato em casa não deixo não mode o mau cheiro (Trabalhador – 09).

Percebe-se os trabalhadores 02, 06 e 09, que o agrotóxico é armazenado em barracos ou na roça, completamente exposto as intempéries da natureza, sem nenhuma estrutura que proteja esses químicos e que impeçam vazamentos, esse comportamento pode ocasionar sérios acidentes ambientais. Percebe-se ainda nessa fala que os agricultores também levam os agrotóxicos para suas casas, expondo ao risco de contaminação também sua família.

No tocante a aplicação dos agrotóxicos, pudemos observar que os sujeitos que trabalham no perímetro Jacarecica I, afirmam possuírem os equipamentos e utilizarem nas atividades que manejam os agrotóxicos. No entanto, o uso desses equipamentos é feito de forma incorreto/incompleto, visto que esses sujeitos veem nesses aparelhamentos uma obrigatoriedade e não como função de proteção contra os efeitos dos agrotóxicos.

Utiliza. [...] Porque teve puxando a fiscalização aí, né. E disse que é pra usar e nós começou a usar (Trabalhador – 02).

É a Cohidro aqui se pegar aqui é multado. Se pegar usando aqui sem equipamento é multado. Foi multado muita gente, tem que ter o equipamento (Trabalhador – 03).

É revelado pelos agricultores 02 e 03 que a intervenção do Estado no que tange o uso desses equipamentos, a ideologia difundida do chamado paradigma do “uso seguro” do agrotóxico foi implantada localmente no Jacarecica I, esse que é um discurso global. No entanto, é necessário atentar que o uso dessa proteção é regra obrigatória e exigida por lei para a utilização dos agrotóxicos. Em vista disso, a preocupação do Estado não está na saúde do trabalhador, mas no comércio do agrotóxico, um mercado extremamente lucrativo.

É, mais, tem uns poucos usa, outros não. [...] É assim, porque a gente não aplica direto, quem veví usando essas coisas é quem fica aplicando direto, né. Mas a gente assim, é pouco (agricultor – 01).

Percebe-se que esses trabalhadores fazem pouco caso dos riscos dos agrotóxicos, pois julgam que por fazerem aplicações de uma quantidade razoável de veneno agrícola, não estão suscetíveis a nenhum agravo. É possível flagrar trabalhadores aplicando agrotóxicos sem nenhum tipo de proteção, usando apenas uma bolsa plástica nas mãos ou um pedaço de pano cobrindo o nariz e a boca, como é possível visualizar na figura 1.

Figura 2 – Aplicação de agrotóxico sem utilização dos EPIs.



Fonte: Trabalho de Campo, Thaís Moura dos Santos, 2014.

O contato constante dos trabalhadores com os agrotóxicos é a principal causa das intoxicações agudas no Jacarecica I.

Assim, deu. Antes eu passava aí uma vez eu vim parar no hospital, aí desse dia pra cá eu só passo pouco. É difícil eu passar, me faz mal [...] Assim, o rosto intoxicou todo, vim parar no hospital e todo vermelho, o rosto encaroçado (Trabalhador – 01).

O mais alarmante é que o trabalhador 01 afirma já ter dado entrada ao hospital em função de uma intoxicação aguda em função do uso de agrotóxico, no entanto, esse sujeito afirma que ainda faz aplicação desses produtos químicos, isso é alarmante, o trabalhador se expõe constantemente ao risco de agravos a sua saúde, seu trabalho tornou-se motivo de preocupação e medo. As intoxicações agudas são as mais relatadas pelos trabalhadores do Jacarecica I. Essas intoxicações manifestam-se através de um conjunto de sinais e sintomas, que se apresentam de forma súbita, momentos após a exposição do indivíduo a um agrotóxico.

tenho um irmão que já passou... uma vez mesmo eu levei ele pra clinica ruim por causa do tóxico [...] Ele passou um tali de Tamaron mesmo, né o Tamaron pegou, a sorte que ele coisou logo e levou pra clinica e deram lá um remédio um negócio e foi proibido ele usar ai hoje em dia ele não passa mais agrotóxico né (Trabalhador – 08).

Na saúde humana, a contaminação com esse tipo de agrotóxico pode ocasionar diversas agravos à saúde tais como: suor e salivação abundante, lacrimejamento, cefaléia, tontura e vertigens, perda de apetite, dores de estômago, visão turva, tosse com expectoração clara, náuseas, vômitos e cólicas abdominais, diarreia, dificuldade respiratória, confusão mental, perda de sono, redução da frequência cardíaca/pulso, crises convulsivas (nos casos graves), coma, parada cardíaca (MELLO; SILVA, 2013).

Não. Eu não passo não porque já me prejudicou, entendeu [...] Me pegou uma vez. Eu trabalhava com ele e me pegou. Quase ia morendo (Trabalhador – 03).

Rapais já, foi no lote ai vizinho o cara foi parar no hospital, mais não foi nada mais grave não (Trabalhador – 07).

Essas revelações demonstram a face maléfica dos agrotóxicos para a saúde do trabalhador. No entanto, em virtude das subnotificações dos agravos a saúde provocada pelos agrotóxicos existe uma falta de informações ou dados referentes a essa temática. O que acontece na maioria das vezes é que quando um paciente dá entrada no hospital, o diagnóstico é feito levando em consideração os sintomas que o sujeito apresente, não se leva em consideração a profissão que o paciente desempenha, assim, os casos de agravos a saúde provocados pelos agrotóxicos são ocultados.

As entrevistas buscaram também, analisar se os sujeitos que trabalham no Jacarecica I, possuem ou já possuíram alguma agravo em sua saúde em decorrência do uso de agrotóxicos. O contato constante dos trabalhadores com os agrotóxicos é a principal causa das intoxicações agudas no Jacarecica I.

Assim, deu. Antes eu passava aí uma vez eu vim parar no hospital, aí desse dia pra cá eu só passo pouco. É difícil eu passar, me faz mal [...] Assim, o rosto intoxicou todo, vim parar no hospital e todo vermelho, o rosto encaroçado (Trabalhador – 01).

O mais alarmante dito pelo trabalhador 01 é a afirmação de já ter dado entrada ao hospital em função de uma intoxicação aguda em função do uso de agrotóxico, no entanto, esse sujeito afirma que ainda faz aplicação desses produtos químicos, isso é alarmante, o trabalhador se expõe constantemente ao risco de agravos a sua saúde, seu trabalho tornou-se motivo de preocupação e medo. As intoxicações agudas são as mais relatadas pelos trabalhadores do Jacarecica I. Essas intoxicações manifestam-se através de um conjunto de sinais e sintomas, que se apresentam de forma súbita, momentos após a exposição do indivíduo a um agrotóxico.

tenho um irmão que já passou... uma vez mesmo eu levei ele pra clinica ruim por causa do tóxico [...] Ele passou um tali de Tamaron mesmo, né o Tamaron pegou e ele foi proibido ele usar ai hoje em dia ele não passa mais agrotóxico né (Trabalhador – 08).

O agrotóxico citado pelo agricultor 08 o TAMARON é um agrotóxico de classe II – Altamente Tóxico. Segundo NUNES e TANAKA (2001) o TAMARON é um pesticida organofosforado (inseticida e acaricida) esse grupo de agrotóxico é responsável pela maior quantidade de acidentes e mortes do Brasil. É de largo espectro de ação, obtido como subproduto do acefato. A sua ação ocorre por contato e ingestão, com direto efeito estomacal.

Não. Eu não passo não porque já me prejudicou, entendeu [...] Me pegou uma vez. Eu trabalhava com ele e me pegou. Quase ia morendo (Trabalhador – 03).

Rapais já, foi no lote ai vizinho o cara foi parar no hospital, mais não foi nada mais grave não (Trabalhador – 07).

Essas revelações demonstram a face maléfica dos agrotóxicos para a saúde do trabalhador. No entanto, em virtude das subnotificações dos agravos a saúde provocada pelos agrotóxicos existe uma falta de informações ou dados referentes a essa temática. O que acontece na maioria das vezes é que quando um paciente dá entrada no hospital, o diagnóstico é feito levando em consideração os sintomas que o sujeito apresente, não se leva em consideração a profissão que o paciente desempenha, assim, os casos de agravos a saúde provocados pelos agrotóxicos são ocultados.

No que tange o descarte das embalagens vazias de agrotóxicos, foi possível visualizar irregularidades no perímetro irrigado Jacarecica I. As práticas em relação ao descarte das

embalagens vazias de agrotóxicos se mostram variadas. Existem agricultores que falam despreocupadamente que “*Toca fogo*” (Trabalhador – 01), essa prática é bastante comum e difundida pelos agricultores do perímetro. No entanto, esses sujeitos não possuem o conhecimento de que as embalagens contaminadas normalmente geram gases de natureza e toxicidade desconhecida quando incineradas e podem contaminar o ambiente e contaminá-los.

Reafirmando a pratica de incinerar as embalagens.

As embalagem a gente, a gente toca fogo, né. Eles pede pra as vezes, pra levar pra lá, lá eles tem um lugar pra botar, muitas vezes a gente guarda e leva pra lá (Trabalhador – 05).

Otrabalhador 05 revela que queima as embalagens vazias dos agrotóxicos, e numa tentativa de se redimir afirma levar pra um deposito da empresa responsável pela manutenção do perímetro. O que instiga reflexão nesse discurso é que, para a utilização do agrotóxico ocorre uma fiscalização severa sobre o uso do EPIs, no entanto, para a devolução das embalagens vazia a fiscalização parece ser falha. As embalagens vazias, também são motivos de preocupação e riscos para natureza e saúde humana.

Rapais as embalagens tinha uns tempos que eu ajuntava e tocava fogo mais o rapaz da COHIDRO disse que agora junta saculejo três vezes e manda furar no fundo do vaso e botar no saco e leva e devolve (risos) (Trabalhador – 08).

O trabalhador 08explica que a devolução das embalagens em tom de riso, não dando muita importância para essa prática. As falta de informações sobre esse assunto é gritante entre os trabalhadores, eles muitas das vezes, por não possuírem escolaridade não leem as instruções sobre o destino final das embalagens de agrotóxicos. Os resíduos químicos tóxicos presentes em embalagens de agrotóxicos e afins, quando abandonados no ambiente ou descartados em corpos d’água e lixões, sob ação da chuva, podem migrar para águas superficiais e subterrâneas, contaminando o solo e lençóis freáticos e consequentemente ao fazer uso dessa água à sociedade vai estar em risco.

O destino final dessas embalagens vazias constitui a degradação ambiental e da elevação dos riscos de contaminação e de agravos à saúde. O trabalhador do campo nem sempre se dão conta da periculosidade presente nas embalagens que ficam em contato direto com as substâncias utilizadas nas lavouras para o combate às pragas. Por isso, o recolhimento das embalagens vazias torna-se muito importante na redução dos riscos inerentes à utilização de agrotóxicos. Por fim as entrevistas buscaram analisar como era feita a lavagem dos EPIs,

após a aplicação dos agrotóxicos. Para a atividade de lavagem das roupas/EPIs contaminados, analisou-se a concentração de mulheres na realização dessa atividade.

Depois que ele (o trabalhador) usa, aí ele troca de roupa. Troca de roupa e leva pra mulher dele levar (Trabalhador – 04).

As principais recomendações dos manuais de segurança para a realização da lavagem do EPIs é o procedimento de não guardar as roupas utilizadas na manipulação de agrotóxicos juntamente com as demais roupas da família; existir um tanque de lavar exclusivo para as roupas contaminadas e o esgotamento da água de lavagem. A lavagem da roupa é realizada pelo que os agricultores afirmam em ambiente doméstico, sendo assim, a chance de intoxicação da família desse sujeito aumenta consideravelmente.

Essas roupas, quando são lavadas separadamente não o são com a intenção de evitar contaminações com as demais roupas, mas por serem consideradas “roupas de trabalho” mais sujas e mal cheirosas do que as outras vestimentas. Nesse momento da higienização das vestes as mulheres ficam completamente expostas aos malefícios dos agrotóxicos.

Rapais com a roupa a gente sempre lava né [...] Eu levo pra casa pra mulher lavar (risos) (Trabalhador – 08).

Existe, assim, risco real para as esposas dos trabalhadores que lidam com os venenos agrícolas, havendo ainda a possibilidade da transferência de resíduos de agrotóxicos nesse processo de lavagem dos EPIs para os fetos e para crianças por meio do leite materno. Sendo assim, o agrotóxico se mostra um risco não apenas para o trabalhador, mas para toda sua família.

Considerações Finais

Com o objetivo de caracterizar a dinâmica do uso de agrotóxicos no Perímetro Irrigado Jacarecica I, pudemos concluir que, a aquisição dos agrotóxicos no referido perímetro é feita sem nenhum tipo de perícia técnica, para indicar a real necessidade de utilização destes produtos químicos na lavoura. O transporte dos agrotóxicos é realizado em veículos comuns (não adaptados aos requerimentos de segurança). E que os agricultores do Jacarecica I armazenam os agrotóxicos no relento em suas roças ou em construções precárias e ainda, existem os agricultores que armazenam esses químicos em suas residências. O perímetro apresenta carência de assistência técnica que devia orientar os usos dos agrotóxicos.

Outra constatação diz respeito à aplicação dos agrotóxicos sem uso devido dos EPIs e ao descarte incorreto das embalagens desses produtos e que por carência de informação, a lavagem das vestimentas e EPIs contaminados por agrotóxicos são entendidas como atividade doméstica comum, sendo, portanto, realizada sem a observação de medidas de segurança. As praticas identificadas rebatem diretamente na saúde dos trabalhadores do Perímetro Irrigado Jacarecica I, que se encontram adoecidos e apresentam constantemente sintomas como dores de cabeça, náuseas e sonolências, estas sintomáticas caracterizam intoxicações agudas.

Normalmente, a forma de uso incorreta dos agrotóxicos e seus afins é o foco principal das atenções e criticas por todos os envolvidos nessa questão. Pouco se reflete nesse contexto sobre as condições de trabalho precarizadas e sub-humanas que vivem os sujeitos que trabalham cotidianamente com essas substâncias químicas perigosas, esses trabalhadores muitas das vezes não possuem noção do perigo imbuído que seu labor cotidiano lhes trazem silenciosamente.

Referências

Associação Nacional de Defesa Vegetal – ANDEF. **“Manual de Transporte de Produtos Fitossanitários”**. São Paulo: A Associação, 2005.

AUGUSTO L. G. S.; CARNEIRO F. F.; PIGNATI, W.; RIGOTTO, R. M.; FRIEDRICH, K.; FARIA, N. M. X.; et al. **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde** 2ª Parte. Rio de Janeiro: ABRASCO; 2012.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. ANVISA. Programa de análise de resíduos de agrotóxicos em alimentos: relatório de atividades de 2010. Brasília, 05 de Dez.de 2011.

BRASIL. **LEI Nº 7.802, DE 11 DE JULHO DE 1989**. Brasília, 11 de julho de 1989. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7802.htm> acesso 22 de Dez. 2014.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Intoxicação e morte por agrotóxicos no Brasil: a nova versão do capitalismo oligopolizado**. Boletim DATALUTA, 2011.

CARLOS, Ana Fani A. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARSON, Raquel. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia; 2010.

COHIDRO. Companhia de Desenvolvimento de Recursos hídricos e Irrigação de Sergipe.

Histórico dos Perímetros: Características Geofísicas e Demográficas. Disponível em <<http://www.cohidro.se.gov.br/modules/tinyd0/index.php?id=14>> acesso 20 de Nov. 2014.

CARNEIRO, F. F.; PIGNATI, W.; RIGOTTO, R. M.; AUGUSTO, L. G. S.; RIZOLLO, A.; MULLER, N. M. et al. **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde** 1ª Parte. Rio de Janeiro: ABRASCO; 2012.

LONDRES, Flávia. **Agrotóxicos no Brasil: um guia para ação em defesa da vida**. – Rio de Janeiro: AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa, 2011.

MELLO, Carolina Motta de; SILVA, Luiz Felipe. **Fatores associados à intoxicação por agrotóxicos: estudo transversal com trabalhadores da cafeicultura no sul de Minas Gerais***. Brasília, 2013.

MOREIRA, R. **Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 2º. ed. São Paulo: contexto, 2011.

SANTOS, C. O. d. & SOUZA, R. M. e., **Agricultura Orgânica Em Sergipe: Alternativa À Sustentabilidade?**. Revista Geonorte, v.3 (Edição Especial), pp. 449-462, 2012.

SILVA, Susi Alves da. **Caracterização do modo de produção de hortaliças no município de Itabaiana-SE e diversidade genética e seleção assistida por marcadores moleculares RAPD em linhagens segregantes de alface**. São Cristóvão: UFS, 2009. (Monografia – Graduação em Engenharia Agrônômica)*.

SOARES, Wagner Lopes. **Uso dos agrotóxicos e seus impactos à saúde e ao ambiente: uma avaliação integrada entre a economia, a saúde pública, a ecologia e a agricultura**. Rio de Janeiro: s.n., 2010.